

## O SUFIXO –INHO JUNTO A ADJECTIVOS NA LINGUAGEM FAMILIAR PORTUGUESA

O uso tão frequente em português do sufixo –inho, o mais fecundo de quantos a linguagem familiar e popular utiliza, tem sido considerado como manifestado de sentimentalismo do povo que gosta de exprimir os cambiantes afectivos que se desprendem da ideia de pequenez<sup>1</sup>. Trataremos aqui apenas dos casos em que este sufixo se junta a adjectivos, quer com valor reforçativo, quer atenuativo, eufemístico, ou de carinho<sup>2</sup>.

Tomando como exemplo alguns textos que reproduzem a linguagem familiar e popular<sup>3</sup>, procuraremos mostrar os casos em que aos adjectivos se junta com mais frequência o sufixo –inho e qual o valor semântico que ele lhes empresta.

Os adjectivos que exprimem pequenez, no sentido próprio ou figurado, levam muitas vezes o diminutivo para reforçar essa ideia:

<sup>1</sup> Cf. Helger Sten, *Les Particularités de la langue Portugaise*. Travaux du Cercle Linguistique de Copenhague, II. Einer Munksgaard. Copenhague, 1944.

<sup>2</sup> Veja-se Allen Jr., Joseph H. D., *Portuguese Word-Formation With Suffixes. Supplement to Language*, v. 17, Nº 2, Baltimore, Maryland, 1941, p. 87.

<sup>3</sup> Botas, José Loureiro, *Frente ao Mar*, Lisboa, 1ª ed.; *Litoral a Oeste*, Lisboa, 1940.

Braga, Teófilo, *Cancionero Popular Português*, 2 v., Lisboa, 1911, 1913.

Branco, Camilo Castelo, *Novelas do Minho*, 2 v., 4ª ed., Lisboa, 1935, 1945.

Câmara, D. João da, *Meia Noite*, Lisboa, 1900.

Cortez, Alfredo, *Tá Mar*, Lisboa, 1936.

Costa, Francisco, *Cárcere Invisível*, Lisboa, 1949.

Curto, Ramada, *A Fera*, Lisboa, 1932; *O Diabo em Casa*, Lisboa, 1931; id., *As Meninas da Fonte da Bica*, Lisboa, 1949; id., *O Sapo e a Doninha*, Lisboa, 1930.

Carraio, Augusto, *Aqui e Acolá; As Baratas; A Bossa; As Cantigas; As Carambolas; Os Carapaus; A Dança; As Mulheres; Solo de Rebeca* (todos editados pela Livraria Popular, de Francisco Franco, Lisboa, s. d.).

“uma cabeça *miudinha*” (Nemésio, *Mau Tempo*, 259); “uns passos enérgicos e *miudinhos*” (id., 51); “a letra de João Garcia, tão *miudinha*” (id., 54); “recorte *miudinho*” (id., 355); “brilho *miudinho* e pérfido nos dentes” (id., 114); “palavras *miudinhas*” (id., 171); “e os sinos desatavam num repique *miudinho*” (id., 129); “*baixinha* e magra” (Botas, *Litoral*, 185); “uma luz de petróleo *baixinha*” (Nemésio, *Mau Tempo*, 259); “com uma voz já muito *fraquinha*” (Ramada, *O Sapo*, 25). O movimento que diminui a estatura, agachando, encolhendo, comprimindo, atrai igualmente o diminutivo: “ali *agachadinha* à espera” (Cortez, *Tá Mar*, 23); “e a gente ficava a tremer, a tremer . . . *incarrilhadinhos* de susto!” (Nemésio, *Mau Tempo*, 323); “bradava o João Cabeçudo, *encolhidinho* de susto” (id., *O Mistério*, 192); “arreganhados de frio, c’os nossos filhos *aconchegadinhos*” (Botas, *Litoral*, 191); “se debruçaram na janelita estreita, muito *apertadinhos*” (id., 109); “Quando namoravam, estavam sempre a meia légua de distância um do outro. Nunca nenhum os viu *juntinhos*, como alguns que nós por aí vemos, que nem uma palha caberia entre eles!” (Santos, *Eu e meu Filho*, 98). Também no seguinte emxemple o diminutivo acentua a ideia de ‘encolhido’, expressa antes, ao mesmo tempo que reforça a de ‘agarrado’: “O Velhinho ia encolhido, *agarradinho* ao remo” (Nemésio, *O Mistério*, 176).

Há casos em que o diminutivo *-inho* podia ser substituído por *completamente, absolutamente*: “—Seis meses *certinhos*— faz hoje” (Fialho, *Contos*, 219); “viu os noivos abrirem o baile, felizes, a rodarem leves e *certinhos*” (Botas, *Litoral*, 54); “O nome e os bens, tudo era ali da boa senhora *inteirinho*” (Nemésio, *Mau Tempo*, 310);

“Oh meu menino Jesus,  
Boquinha de sangue e leite  
Quem la tivera *inteirinha*,  
Dela faria um ramalhete”.

(Teófilo, *Canc. Pop. Ptg.*, II, 195);

Nemésio, Victorino, *Mau Tempo no Canal*, Lisboa, Livraria Bertrand, s. d.; id., *O Mistério do Paco do Milhabre*, Lisboa, 1940.

Ribeiro, Aquilino, *Geografia Sentimental*, 1ª ed., s. d.; *Terras do Demo*, 4ª ed., s. d.; *Volfrâmio*, 1ª ed., s. d.

(publicados em Lisboa pela Livraria Bertrand).

Rodrigues, Urbano, *O Castigo de D. Joao*, Lisboa, 1948.

Santos, Isaura Correia dos, *Eu e Meu Filho*, Porto, 1952.

Vicente, Gil, *Obras Completas*, 5 vs., Lisboa, 1942-1944.

“novidades fresquinhos” (Garraio, *Aqui e Acolá*, 4); telegramas *fresquinhos*” (Fialho, *Contos*, 283); “A Portela (...) *recortadinha* de cerrados” (Nemésio, *O Mistério*, 85); “eram *iguazinhos* e sem mácula” (Aquilino, *Volfrâmio*, 183); “É o avô, *chapadinho*” (Botas, *Frente*, 74); “isto são as fronhas, quatro *prontinhas* a bater” (Aquilino, *Terras*, 292); “—E vossemecê está pronta para ir comigo?— *Prontinha!*” (Santoc, *Eu e meu Filho*, 133); “palavras de amor que lhe iam *direitinhas* ao coração” (id., 155); “virei *direitinha* para casa” (id., 112); “um dia na igreja dá com uma velha *lavadinha* em lágrimas” (Câmara, *Meia Noite*, 53); “Nanja que ela não tivesse uma legítima *arredondadinha*” (Aquilino, *Terras*, 49). Junto a adjectivos que exprimem grande extensão ou quantidade, fartura, etc., reforçalhes o valor, podendo equivaler a ‘muito’: “como quem tinha o silêncio por *compridinho* de mais” (Nemésio, *Mau Tempo*, 34); “*fartinho* de cavalgar” (id., *O Mistério*, 52). No exemplo a seguir, indica a insistência, a repetição: “e, no vapor, passava a olha do pespé rançoso, colhido em porta *responsadinha* a Sant’António” (Aquilino, *Terras*, 251). Também se reforça a ideia repetindo a palavra e sufixando -a, quer ambas as vezes, quer só à segunda: “a chave pesa meio arrátel, *certinho, certinho*” (Aquilino, *Volfrâmio*, 173); *Sequinho, sequinho*, que nem um saco de café depois do carolo espremido” (Nemésio, *Mau Tempo*, 290); “Às vezes, ao erguer da cama, via-se mais *negrinha*, mais *negrinha*, que o paranheiro do forno” (Aquilino, *Terras*, 104); “E quêsta cara se faça negra, *negrinha*, mais fêa qu’um pêxe lixa” (Cortez, *Tá Mar*, 24); “duas vezes os vimos vortados de quilharriba! Acage *vortadinhos*” (Cortez, *Tá Mar*, 106); “Eu tavalém assentada, ti Tó Rocha! *Assentadinha*, ti Espada...!” (id., 85); “Algúém disse que o mundo está roto / E a verdade é que está bem *rotinho!*” (Garraio, *Aqui e Acolá*, 8). E, para terminar, este crescendo afectivo: “Ó rico, *riquinho, riquiquinho*” (Aquilino, *Terras*, 254).

O facto de o adjectivo se encontrar no grau comparativo ou superlativo, não o impede de receber o sufixo: “deu à menina mais *novinha* que acabava de desmamar” (Aquilino, *Volfrâmio*, 365); “a mais *velhinha* tá no asilo das meninas” (Nemésio, *Mau Tempo*, 388); “mais *afinadinhas* / Do que a melhor de todas as modinhas” (Garraio, *As Cantigas*, 7); “até do mais *fundinho* do povo as raparigas vinham ver” (Aquilino, *Terras*, 6).

Há adjectivos a que, correntemente, nunca se junta o diminutivo *-inho*, outros só em determinados casos, segundo o valor do contexto. A percentagem cresce de acordo com a emotividade da pessoa

que fala e da situação. Quanto mais erudito é o adjetivo, menos probabilidades tem de levar o sufixo. Por exemplo, os adjetivos qualificativos do sentimento de desejo levam muitas vezes o sufixo, com valor reforçativo: *desejosinho*, *desertinho*, *danadinho*, *doidinho*, *mortinho*, etc.: “anda *danadinho*!...” (Aquilino, *Terras*, 52); “*mortinha* andava ela por isso” (id., 68); “*mortinho* por avantar (...) o Bispo ergueu-se” (id., 175); “está *mortinho* por se tirar da desejosa” (id., 285); “—Parece *doidinho* por ela” (Santos, *Eu e meu Filho*, 133). Mas soaria estranho *avidosinho* ou *cobiçososinho*, porque ávido e cobiçoso são literários e a língua literária evita o sufixo, tanto quanto a popular gosta dele. Do mesmo modo, são vulgaríssimas as formas sufixadas para os qualificativos correntes da beleza física ou dos encantos do espírito: *bonitinho*, *engraçadinho*, *airosinho*, *galantinho*, etc., mas já não assim os mais cultos *belo*, *gracioso*, *donairoso*, *gentil*.

Devemos notar a importância que a idade e o sexo da pessoa qualificada desempenham para a sufixação do adjetivo que, em muitos casos, só é possível quando referido a mulher ou criança ou, então, perde o valor carinhoso para se tornar depreciativo de homem. Entre os muitos exemplos encontrados nos textos, para realçar as graças femininas e infantis, os raros casos atribuídos a homens, que damos a seguir, são disfemísticos ou irônicos: “Tornê-me a casar e o meu homem é tão *asadinho* que me dá ganas de tomar gosto ó desquite” (Botas, *Frente*, 146); “sabe o *gajinho*/Muito *espertinho*” (Garraio, *As Mulheres*, 1) O diminutivo de gordo, eufemístico se referido a criança, é intencionalmente ridículo quando aplicado a homem, como neste passo, onde dá a nota da ironia da frase: “Eu de quem gosto muito é do brigadeiro, do *gordinho*... —disse Margarida, que percorria as teclas do outro lado da sala” (Nemésio, *Mau Tempo*, 519). O adjetivo ‘novo’, quando qualifica indivíduos de idade juvenil, vem muitas vezes sufixado afetivamente: “Rosinha da Glória era *novinha*” (Nemésio, *Mau Tempo*, 135); “era *novinha* ainda quando fui servir” (Santos, *Eu e meu Filho*, 10); “Tomou conta da Garibaldina, já *crescidinha*” (id., 151); “uma vitela que se derretia em gordura e *novinha*” (Aquilino, *Volfrâmio*, 365). Mas já quando a profissão, por exemplo, requiere madureza de espírito, o sufixo pode ser malicioso ou irônico: “estava ali de plantão, um padre *novinho*” (Aquilino, *Terras*, 256). Referidos ao sexo feminino, encontramos bom número de exemplos em qualificativos com diminutivo: *bonitinha* (Nemésio, *Mau Tempo*, 190), *redondinha* (id., 74), *delgadinha* (id., 355), *magrinha* (id., 88), *miudidinha* (id., 155), *sumidinha* (id., 56), *loirinha* (id., 190, 252), *lindinha* (Garraio, *As Baratas*, 5),

*trigueirinha* (Câmara, *Meia Noite*, 27), *rosadinha* (Aquilino, *Geografia*, 24), *papudinha* (id., *Volfrâmio*, 134), *governadinha* (id., 30), *compostinha* (id., 422), *arranjadinha* (Ramada, *As Meninas*, 60), *limpinha* (id.), *sêriazinha* (Câmara, *Meia Noite*, 15), *purinha* (id., 5; Cortez, *Tá Mar*, 15; Botas, *Litoral*, 31), *inteirinha* (Aquilino, *Terras*, 278). Mas no seguinte passo, Garrett serve-se dos diminutivos para ridicularizar certas facetas menos felizes do belo sexo: “Há umas certas boquinhas *gravezinhas* e *espremidinhas* pela doutorice que são a mais *aborrecidinha* coisa e a mais *pequinha* que Deus permite fazer às suas criaturas fêmeas” (*Viagens na minha Terra*, Porto, 1946, p. 106). Atribuído a uma criança, o diminutivo do qualificativo de boa educação é carinhoso: “—Ele vai; é bem *mandadinho*” (Aquilino, *Terras*, 282). Já tratando-se de adulto, seja ele uma senhora, persiste a ideia diminutiva—despreciativa: “A. D. Elisa, de parte, afivelava o ar discreto, bem *educadinho*” (Aquilino, *Geografia*, 284). Dirigem-se a indivíduos femininos: “—Está *descansadinha*” (Aquilino, *Terras*, 262); “esteja *socegadinha* . . . Não tarda que lhe dê um abraço” (Ramada, *O Sapo*, 34). O cabeleireiro, o fotógrafo ou o alfaiate podem recomendar a uma criança que esteja *quietinha*; será ridículo se empregarem o diminutivo na recomendação a um cavalheiro. Mas é possível que a enfermeira o diga a um homem doente ou a um velho debilitado porque a ideia de fraqueza não é então ofensiva para o sexo forte. A mãe carinhosa recomenda: “Stá *caladinho*, qu’a mãe vai ó mato e já vem, meu amor . . .” (Nemésio, *O Mistério*, 68). Também o professor adverte as crianças com brandura para estarem *quietinhas* e *caladinhas* mas, se elas persistem no barulho, ordena severamente que estejam *quietas* e *caladas*, porque já não há lugar para meiguice. Por um processo inverso, numa espera nocturna, o cabo de ordens recebe esta mal humorada advertência com diminutivo onde ele não seria de esperar e que serve para reforçar: “—Está *quietinho* com a pata que nos ouvem, alma do Diabo! resmungou o César” (Aquilino, *Geografia*, 57). *Coitado*, das mais usadas palavras do português, obrigatória como prova da nossa piedosa simpatia, sempre que falamos da desgraça, alheia, é, na maioria dos casos, usada com sufixo quando referida a mulheres e crianças, usada simples se de homem se trata. Entre dezenas de exemplos, estes ao acaso: “Na olho prá criança que me na lembre da mãe. *Coitadinha!* (. . .) Parece que tou a ouvi-la, *coitadinha* (. . .) cairam-le duas lágrimas como duas camarinhas pla cara abaixo e ficou-se, *coitadinha*, num ar de riso como quem vai contente” (Botas, *Frente*, 76-77); “A triste da mulher acabou por ficar maluca de todo,

*coitadinha!* (id., 136); “Minha avó Joaquina era zambra dum olho, *coitadinha*... Dês le fale n’alma!” (Nemésio, *Mau Tempo*, 134). Tratando-se de um homem, a forma sufixada, para traduzir piedade, restringe-se geralmente aos casos de morte: “a cara do Trovão impastada de sãingue, e aquela careta de raiva, *coitandinho*, com que espichou a canela! “ (Nemésio, *O Mistério*, 155); “Jerolmo era muito estimado. Todos diziam –*Coitandinho!*– lacrimejeando” (Fialho, *Contos*, 116). Noutros casos, atribuído ao sexo forte, passa a ser depreciativo e, nalguns casos, até ofensivo: “Lá a nossa cambada do mar (...) Qu’aquilho, *coitadinhos* (...) parece que nunca viro gente” (Nemésio, *O Mistério*, 168); “Que o digam no almazém, o vinho qu’ela gasta! O homem mal o prova –*coitadinho!*” (Botas, *Litoral*, 135). Entre membros da família ou pessoas muito íntimas, já não se verifica essa objecção e *coitadinho* pode usar-se, muitas vezes como simples interjeição de carinho, sem qualquer relação com a má sorte; nestes casos, *coitado* e *coitada* seriam *impossíveis* porque implicam sempre ideia de infelicidade: “*Coitadinho!* Tudo qu’anto arranja me dá logo a guardar” (Botas, *Litoral*, 46); “Ah! E a Raposinha? *Coitadinha!* Deixem-na entrar. Venha cá, Ti Raposinha!...” (id., 128); “É Luiz e... bonda! Qu’ele na tem culpa, –*coitadinho*...” (id., 106); “O que tu tens é uma grande carga de quebranto! O tê filho quere-te tanto bem, quintéele –*coitadinho!*– sem o saber, to podia pôr” (id., 108); “A minha Estrudes, *coitadinha!* Já piquinina coma hois é, co aquele bum modo dela” (Nemésio, *O Mistério*, 169). E chega a ser apenas um vocativo carinhoso: “Anda radiosa de amor, *coitadinha*” (Câmara, *Meia Noite*, 3); “Tudo que ela tem é para a Bidinha, que há-de vir a ser bem rica! E, *coitadinha*, merece-o. Uma beleza de uma menina!” (Nemésio, *Mau Tempo*, 152). Talvez, empregando o termo de comiseração, se tenha em vista afastar a desgraça que, de contrário, podia vir; diz-se geralmente às crianças e aos animais domésticos a quem afagamos: “*coitadinho dele!*”, “*coitadinho!*”. Há adjectivos normalmente disfemísticos, que na forma sufixada, são empregados como termos de carinho: “*Tontinha!* Não queres e toda estás vermelha de contentamento!” (Câmara, *Meia Noite*, 15); “Vá, não sejas *tontinha*”. (Santos, *Eu e meu Filho*, 116). Certas formas recebem o sufixo apenas em linguagem de especial ternura, como a dos namorados:

“Se eu morrer e tu morreres,  
Morremos ambos *doisinhos*;  
Muito há-de ter que ver

Numa cova dois anjinhos”.

(Teófilo, Canc. Pop. Ptg., I, 195);

“Ó que lindo luar faz  
Para colher a marcela!  
Vamo-la colher *ambinhos*,  
Faremos a cama nela”.

(id., I, 157).

Estados de alma altamente emocionais atraem o sufixo, como nestes ímpetos de ira de uma mulher da Nazaré, ao ameaçar a rival: “S’ela aqui vem, estrafergo-a *todinha*” (Cortez, *Tá Mar*, 80); “Nunca mais ninguém na vê, mas há-de falar-se dela! Há-de ser *faladinha*, *lembradinha*, nesta casa!” (id., 110). Nos passos que transcrevemos a seguir é evidente o valor emocional emprestado pelo sufixo para realçar o contentamento ante a abundância e a riqueza; substitua-se o diminutivo pela forma simples ou por um “cheio a trasbordar” e a frase perde a expressão de deslumbramento: “—Olha ó aco! . . . Ai jasû, rica mãe! Tá *cheinho*, rapazes! (Botas, *Litoral*, 56); “Tá *cheinha!* —Ah, rico Deus!— Tá *cheinha*, rapazes! Puxa! Puxa —Arriba!— Vai arriba!” (Botas, *Frente*, 15); “Só arcas de roupa *ates-tadinhas*, levava duas” (id., *Litoral*, 48); “Veio *podrinho* de rico” (id., 138); —“Bem apanhado! veio *cheinho* de libras . . . Bravo!” (Nemésio, *Mau Tempo*, 194). Perante o despeito da rival, a mulher da Nazaré dá largas à sua satisfação: “Regalo-me de as ver (. . .) safoçadas de cobiça, ó *chéinhas* de despêto” (Cortez, *Tá Mar*, 47). o exemplo a seguir o sufixo exprime, não só a ideia de “bem vivo”, como a satisfação que o facto produz: “A tia Brinca ergueu do chão o frasco das bichas (. . .) e disse à irmã da Palurda: —Tão *vivinhas!*” (Botas, *Frente*, 41). E para traduzir o satisfação e o interesse provocado por uma compra: “a estaca são os pastos da Ribeira-dos-Flamengos *compradinhos* esta manhã” (Nemésio, *Mau Tempo*, 41).

Note-se que o sufixo junta, em muitos casos, a ideia de ‘bem’; assim, se dissermos que uma saia fica *justa* ou *muito justa* queremos indicar que ela tem o defeito de estar ‘muito justa’. Mas se dissermos que ela fica *justinha* ou *muito justinha* indicamos que fica muito bem, precisamente por estar muito justa: “Que bem te vai essa saia, *justinha* na anca” (Aquilino, *Volfrâmio*, 355). De um pescador que passa exibindo os peixinhos que lhe morderam a isca é dito que “ia todo prezado com duas ricas bocas negras *enfiadinhas* num junco” (Nemésio, *O Mistério*, 53): onde um simples *enfiadas* e tragava o efeito

de troféu da vitória. “Letra *redondinha*” (Nemésio, *Mau Tempo*, 102) indica redonda e bem feita por ser redonda; mas ‘letra redonda’ já não tem implícita essa ideia de perfeição. O mesmo neste exemplo: “A curva do queixo era *redondinha* e branca” (Fialho, *Contos*, 272) ou neste outro: “a risca *direitinha* que dividia as tranças” (Botas, *Litoral*, 33).

Muitas vezes junta uma ideia de bem estar físico ou espiritual. A sensação de quente pode ser das mais agradáveis: “De certo que diante dum lume rijo, com a carne *quentinha* e regalada” (Aquilino, *Volfrâmio*, 125); “As senhoras faziam uma roda *quentinha*, gulosas das notícias” (Nemésio, *Mau Tempo*, 241); “agora sim, que estou *quentinha* . . .” (id., 350); “depois da neve veio um sol *fartinho* e alegre” (id., *Geografia*, 352); “comeu-lhe bem, bebeu-lhe melhor, tudo *regadinho* dum sol” (id., *Terras*, 85); “Todos gostavam muito daquele borralho brando e estavam para ali *quietinhos* a esfregar as mãos de contentes” (Nemésio, *O Mistério*, 47); “encharcando pedaços de pão no líquido *quentinho*, a enguli-los em requintada delícia de velha gulosa” (Botas, *Litoral*, 157); “e as gentes bebiam-no (o leite) quer saboreando-o com prazer, quer fechando os olhos e procurando esquecer a espuma, o líquido espesso, *quentinho* . . .” (Santos, *Eu e meu Filho*, 71-72). As delícias do paladar atraíam quase sempre o sufixo: “enquanto atacava com apetite as migas, bem *tostadinhas*, rodeadas de fatias de lombo frito” (Rodrigues, *O Castigo*, 150); “Ben *docinho*, filha! Bem *docinho*, q’as velhas são gulosas e fracas e o açúcar enrija òs ossos!” (Botas, *Litoral*, 157); “e um vinho ténue, *madurinho*” (Aquilino, *Geografia*, 115); “o cabrito, rechinando no espeto, *picadinho* de sal” (id., *Terras*, 196). Mesmo até tratando-se de um manjar místico:

“Nesta mesa ajoelhei,  
Nesta mesa virginal,  
Venho a arreceber  
Um *riquinho* manjar,  
Manjar tão excelente  
Dado das mãos do Senhor”.

(Teófilo, *Canc. Pop. Ptg.*, II, 224).

Trata-se agora do conforto de uma posição cómoda ou de uma boa cama: “Ali *sentadinha* debaixo de coberto está-se muito melhor” (Nemésio, *O Mistério*, 291); “cuntava-me as suas pacoetas *assantadinho* na borda do incorete” (id., *Mau Tempo*, 324); “Mas fica

melhor *sentadinha*” (Ramada, *O Sapo*, 64); “Bem, então vamos deitar-nos *descansadinhos*” (Santos, *Eu e meu Filho*, 81); “Estranhar uma cama destas, tão *fofinha* . . .” (Nemésio, *Mau Tempo*, 358);

“Vamos todos a Belém  
Adorar o Deus Menino,  
Que nasceu à meia noite  
Em palhinhas *deitadinho*”.

(Teófilo, *Canc. Pop. Ptg.*, II, 170).

O asseio e arranjo domésticos: “a camisa lavada, *dobradinha* sobre a arca” (Aquilino, *Terras*, 125); “quando aparece alguém mais *limpinho*, de barriga cheia” (Nemésio, *O Mistério*, 169); “Graças a Deus, ando *limpinha*” (Cortez, *Tá Mar*, 49); “vestiu roupa debaixo *lavadinha* a cheirar a mentrastos” (Aquilino, *Volfrâmio*, 200); “toda *lavadinha* e o mais bem arranjada possível” (Santos, *Eu e meu Filho*, 17); “o seu chale brochado e *limpinho*” (Nemésio, *Mau Tempo*, 254); “brochados numa blusa *limpinha*” (id., 387); “e sempre tão *limpinho* que se podia limber o meli” (id., 141); “numa sepultura que os seus compraram e trazem sempre *aseadinha*” (id., *Mau Tempo*, 458); “a meiazinha, tão *catitinha*” (Garraio, *A Dança*, 5). Também em sentido figurado: “Sou branco de raça, geração *limpinha*” (Teófilo, *Canc. Pop. Ptg.*, II, 181); “Você conhece-me. Sabe que a cousa a meu cargo, tem de andar *limpinha*, *arranjadinha*” (Fialho, *Contos*, 221). As coisas novas: “—Desde as pontas dos pés ó cruto da cabeça levam tudo *novinho* im folha!” (Botas, *Litoral*, 58); “a camisa azul *novinha*” (id., *Frente*, 109); “um pião *novinho* em folha” (id., *Litoral*, 111); “e voltou lá com um bom maço de notas, *novinhas*, entre o coiro e a camisa” (Aquilino, *Terras*, 184); “contra os pacotes, *novinhos* em folha, do Banco de Portugal” (id., *Volfrâmio*, 99); “Já a casa do Pe. Francisco (. . .) tomava cor de *novinha*, acabada de caiar” (id., *Terras*, 53); “telhados de telha *novinha*” (id., *Volfrâmio*, 397); “O próprio Senhor São Pedro partiu um braço, e chegou hoje, todo *pintadinho* de novo, tão perfeito e bonito” (Botas, *Litoral*, 98).

Os designativos de cores são frequentemente sufixados: “Toda de *branquinho* de neve com floes de larangêra e um véu pla cabeça” (Botas, *Frente*, 151); “Até a Ganha Broa, que tem três filhos, um de cada pai, foi com eles, todos de *franquinho*” (id., *Litoral*, 104); “da cova do travesseiro os seus olhos chamuscados fitavam a barriga *branquinha* de um grande Menino Jesus” (Aquilino, *Terras*, 46); “trin-

ta peças, trinta dobras, *amarelinhas* como sol” (id., 9); “E a erva crescia, alastrava nitrice e *verdinha*” (id., *Volfrâmio*, 303); “como a ervilhaca do Natal que grela metros na gaveta até encontrar a frincha e pôr-se *verdinha*” (Nemésio, *Mau Tempo*, 112); “Volveu os olhos ao céu, *azuladinho* e claro” (Santos, *Eu e meu Filho*, 73); “uma senhora que em Lisboa o cabelo tem *pretinho*” (Garraio, *Solo de Rebeca*, 1). Reforça-se a boa qualidade de uma coisa, juntando o sufixo ao adjectivo qualificativo: “vendia a viuva o cerrado, *mimosinho* de tudo” (Aquilino, *Terras*, 23); “penteando as grenhas compridas, oleadas do azeite *purinho* da oliveira” (Botas, *Litoral*, 100). Sufixam-se com muita frequência os adjectivos que qualificam contentamento e os que se referem a situação económica desafogada: “muito *contentinhos*, os reis começaram a bailar” (Nemésio, *O Mistério*, 55); “Todo *videirinho*, levava a vida a soprar a moliana” (Aquilino, *Terras*, 130); “Pois! . . . Dixô-nos *governadinhas*” (Cortez, *Tá Mar*, 74). Do mesmo modo, os que dizem respeito à saúde do corpo: “Foi daqui *sãzinha* e *escorreita*” (Botas, *Frente*, 136); “—Pois ela *sãzinha* e *escorreita* é como não há muitas” (Branco, *Novelas*, II, 141); “—Ora viva o meu abade! *Rijinho* e próspero” (Aquilino, *Volfrâmio*, 27); “—Olá, amigo e senhor Silvestre, olá! Então *rijinho?*” (id., 73); “—Para que vivam! *Bonzinhos?*” (id., 36). Também os que traduzem bondade e amizade: “Ela é muito *boazinha*” (Ramada, *As Meninas*, 156); “A senhora é tão *boazinha* . . .” (id., 140); “—O Silvestre é bom sujeito, bom paroquiano, *amiguinho* dos seus interesses, isso sim” (Branco, *Novelas*, I, 108); “—Seja meu *amiguinho*, sim! Eu sou uma pobre de Cristo de quem ninguém neste mundo faz caso!” (Rodrigues, *O Castigo*, 86); “Tava viuva. O mê *riquinho* homem tinha esfalecido” (Botas, *Frente*, 99).

Junto aos qualificativos de situações desagradáveis ou aflitivas, desempenha o sufixo *-inho* função eufemizante ou serve para traduzir a compaixão de quem fala e o desejo de atenuar o que a palavra encerra de odioso. E uma multidão de exemplos se nos oferecem sob este aspecto. Num ambiente marítimo, de pescadores, o termo ‘afogado’ ou outros relativos a naufrágio, são demasiado evocativos para que não se procure eufemizá-los: “Ah! cravo lindo! . . . morreu *afogadinho*, ali mesmo, à vista de todos” (Cortez, *Tá Mar*, 74); “ó vida africta *embrulhadinha* nas ondas” (id., 14); “E o menino dele *afogadinho*” (Nemésio, *Mau Tempo*, 293). O próprio ‘mar’ adjectiva-se com o significado de ‘mar bravo’, enquanto *marzinho* é o ‘mar manso’: “Prantai-lhes o mar *marzinho!* . . .” (Cortez, *Tá Mar*, 106); “—Queres vir ó mar?”

Zé Reco (sentando-se e a espreguiçar-se muito).

—Tá *marzinho*?

Ti Libório (acenando que não, e carrancudo).

—Tá mar! Tá mar! . . .”

(Cortez, *Tá Mar*, 106). O compassivo sufixo não falta a sublinhar a tristeza duma vida sem mocidade: “Aos dezoito anos, já *amarradinho* à carteira” (Nemésio, *Mau Tempo*, 142); “Sem mocidade, *agarradinha* às saias da tia Henriqueta” (id., 278). Se dissessemos simplesmente ‘amarrado’ ou ‘muito agarrada’ exprimiamo-nos objectivamente, sem a compassividade do diminutivo que, aqui, nos dá como que a visão de encolhimento, de um ser que não se desenvolve livremente. Quando nos referimos a um doente ou a um morto, conforme o nosso interesse, assim usamos e abusamos do diminutivo: “E finou-se-me nos braços, *mortinho* de todo” (Botas, *Frente*, 150); “—Na vês? Tá *mortinho*, o nosso menino! Ai, que esgraça tão grande” (id., 128), “e o filho, que era um traquinas, está estendido na esteira, tão pálido e *doentinho* que corta o coração vê-lo” (id., *Litoral*, 109); “Nem me lembrei que estava *doentinha*” (Câmara, *Meia Noite*, 72); “adoece muito rõe, muito *rõezinho*” (Botas, *Frente*, 151); “—Não case contra vontade de seu pai . . . Tenha pena dele, que está tão *acabadinho*” (Branco, *’ovelas*, I, 235); “Henriqueta que abria a porta, *amacacadinha* e lívida” (Nemésio, *Mau Tempo*, 106). O mesmo quando os adjectivos qualificam defeitos físicos, feridas, etc.: “cada espécie ia marcada com o sinal do dedo *aleijadinho*” (Aquilino, *Terras*, 61); “castiga-te no teu filho, desgraçada, que sai *aleijadinho*, cego, ou o pior dos malandros” (id., *Volfrâmio*, 404); “—Santa Eufémia digne amercear-se de meu irmão Augusto, *entrevadinho*, av. m.” (id., *Terras*, 177); “Levo os joelhos todos *esfoladinhos*” (Botas, *Litoral*, 106); “negro ele fosse, *tolhidinho* de pes a mãos” (Aquilino, *Terras*, 162); “*curvadinha* e asseada, viam-se-lhe só as mãos brancas na mancha do chale de merino” (Nemésio, *Mau Tempo*, 39); “E, beijando as três Garcias, *curvadinha*, de chale, perdeu-se para os lados da cozinha” (id., 42); “Antes me queria *ceguinha*, senhor Deus!” (Botas, *Frente*, 48); “—*Ceguinho* eu seja, tio Silvestre!” (Aquilino, *Volfrâmio*, 212); “—*Ceguinho* eu seja se mas não pagares!” (id., 164); “E puxava pela língua a minha avó, *zambrinha* daquele olho, e vai ela cuntava” (Nemésio, *Mau Tempo*, 135). O estado de magreza atrai especialmente o sufixo, correspondendo a uma real diminuição de grandeza e atenuando, ao mesmo tempo, o que isso representa de desfavorável: “o corpo *magrinho*, estiolado, como as imagens das santas maceradas” (Botas, *Litoral*, 90); “Se ele estava tão *magrinho*!” (id.,

*Frente*, 126); “com a pele a arregoar sobre as jogas, de *magrinha*” (Aquilino, *Terras*, 78); “Ai! pobrezinha! / Que está tão *magrinha* . . .” (Garraio, *As Mulheres*, 6); “crescera tolhiço, *magrinho* e pálido” (Branco, *Novelas*, II, 73); “Fora sempre assim *fraquinha*, apoquentata por to ses” (Bota, *Litoral*, 121); “Reparou na postura da mulher, tão *finadinha* como um carapau” (Fialho, *Contos*, 149); “Era *enfezadinha*, mas além de bem educada” (Aquilino, *Volfrâmio*, 98); “os meninos andam *esgorjados*” (id., 44); “a serra está no osso, *esburgadinho* até mais não poder” (id., 14); “Tão mirrado e *sequinho* que fazia ingústias” (Botas, *Frente*, 14); “acabou *sequinha* como as palhas a pedir confissão” (Aquilino, *Volfrâmio*, 139); “ou as mãos lhe caissem ao chão *sequinhas* como as palhas” (id., 204); “e *sequinhas* como as argalhas do monte fossem as mãos do gatuno” (id., *Terras*, 12); “*sequinhos* como as palhas em que se deitam” (id., 100); “chegou a uns pontos de tristeza que ficou mesmo *mirradinha*” (Nemésio, *Mau Tempo*, 135); “Muitos deles não deitaram a correia de soldado às costas, *mirradinhos* como as palhas” (Aquilino, *Terras*, 200); “d’outras mãos que não estão enrugadas, tão *encarquilhadinhas*” (Ramada, *O apo*, 110). Mesmo tratando-se de plantas: “—Tinha uns ervanços no Paul que era un regalo oohar para eles. Estão *sequinhos*” (Aquilino, *Geografia*, 254). A fealdade e a cor negra da pele, considerada pouco bonita levam também muitas vezes o diminutivo, tentando-se assim diminuir, atenuar essa fealdade ou negrura: “Era uma viuva ainda fresca, mas parece *feinha*” (Nemésio, *Mau Tempo* 310); “A mulher tava *negrinha* comò mê chapéu” (Botas, *Frente*, 96); “Um homem calvo e *negrinho* que nem o Manuel de Borba” (Nemésio, *O Mistério*, 53); “e San Benadito, qu’ê *negrinho*, punduirado na verga da porta da sancretia” (id., 151). Os adjectivos que qualificam a velhice das pessoas e das coisas frequentemente recebem o sufixo, porque a velhice é, de facto, uma diminuição das pessoas e porque, diminuindo, esse estado se eufemiza e aparecem atenuados os seus efeitos nas pessoas e nas coisas: “Ai a menina Júlia tinha umas mãos de fada . . . Já tão *velhinha* e o que ela fazia” (Ramada, *O Sapo*, 31); “a mãe do António, velhinha, fraca e doente” (Botas, *Litoral*, 40); “corcovada e *velhinha*” (id., 180); “a tia Benta, *velhinha* e curvada” (id., 156); “Estão bem *velhinhas* estas ceroulas” (Aquilino, *Terras*, 292); “oferecesse um pálio a . . . S. da Ascenção para substituir o antigo, tão *velhinho* que já não se segurava nas varas” (id., *Geografia*, 289); “eu andava por í *rotinho* e minha mãe passou trabalhos para m’introixar a roupa” (Nemésio, *Mau Tempo*, 321); “Antes quero os meus proves e *rotinhos*

e a passar máli” (Botas, *Frente*, 152); “traziam pela mão a garota descalça, *rotinha* e ranhosa” (Aquilino, *Volfrâmio*, 147); “os meninos andam tão *rotinhos*” (id., 337); “manta já *usadinha*” (Gil Vicente, *Obras*, V, 299). Correntemente se sufixa o adjectivo *pobre*; “A Anastázia Afonsa, que era *pobrezinha*, anuiu” (Aquilino, *Terras*, 54); “capacitados que eran *pobrezinhos* e não tinham por onde pagar” (id., 181); “do mesmo bafo que a vaca bafejou no filho da Virgem *pobrinha*” (Nemésio, *Mau Tempo*, 214);

“Eu hei-de-ir para o presepe  
Assentar-me a um cantinho,  
Sô para ver o Deus Menino  
A nascer tão *pobrezinho*”.

(Teófilo, *Canc. Pop. Ptg.*, II, 169).

E passamos aos qualificativos dos estados de alma ou das situações da vida mais desgraçadas: “Rica filha da minh’alma! Tenho-a sempre nha ideia, *aflitinha*, co a morte naqueles olhos” (Botas, *Frente*, 49); “Peço-le p’l’amor Deus que vá acudir à nha mulher, senão morre. Tá muito *aflitinha* e só pergunta por si” (id., 95); “Eu tava *raladinha* com fezes” (id., 97); “—A Maria Ruiva está perdida e *desgraçadinha*” (Branco, *Novelas*, I, 91); “qu’andavas p’r’ái *mortinha* que te cuidámos perdida” (Cortez, *Tá Mar*, 16); “Eu estava *esfalecidinha* de todo” (id., 22); “A nossa classe foi sempre muito *cast’gadinha* com filós” (id., 78); “carregado de crianças, *negrinho* de trabalhos e de penas” (Aquilino, *Terras*, 83); “Se visses a minha alma por dentro, Rosa? Está *negrinha*, *negrinha* como um tição” (id., 146). Certas formas de conduta ou de carácter menos boas ou estimadas e, principalmente, a estupidez e a loucura são preferivelmente qualificadas por adjectivos sufixados, sempre que se pretende atenuar ou eufemizar: “Pelava-se por vinho e cachaça e entrava às vezes em casa *perdidinho* de bêbedo” (Nemésio, *O Mistério*, 123); “Lapuzes sim; *brutinhos* e suados” (id., *Mau Tempo*, 218); “Só sei fazer doces. Eu sou muito *acanhadinha*, não sou?” (Ramada, *As Meninas*, 48); “Cecília, *enfiadinha* e de babete, não tinha vontade de comer” (Nemésio, *Mau Tempo*, 68); “A tia sempre é muito *porquinha!* . . .” (id., 48); “a tia Henriqueta é azeda, é *tortinha*” (id., 287); “Ela, agora que se desquitou do seu querer parece *tolinha*, e não se lhe tira coisa com coisa” (Aquilino, *Volfrâmio*, 402); “a Mariana *tontinha*” (Nemésio, *Mau Tempo*, 264); “e veio *tolinha* de todo com moléstias rões” (Botas, *Frente*, 136); “Fiquê *tolinha* de to-

do e abalê a fugir” (id., 145); “Senti um peso na cabeça, mesmo *tolinha* de todo” (id., 99); “A mãe perdeu os sentidos. Ao voltar a si ficou *tolinha*, a tartamudear” (id., 13); “Estes porcos, q’ando a viram ó lado do caxão, abrutada e *parvinha*” (id., *Litoral*, 144); “co as ideias *perdidinhas* de todo” (id., *Frente*, 49); “Encontraram-me *esgraçadinha* da cabeça” (id., 49).

Podíamos acrescentar a estes, exemplos sem conta mas julgamos ter dado uma ideia do grande uso que, na linguagem familiar e popular é dado ao sufixo *-inho*, na adjectivação e dos vários cambiantes semânticos por ele emprestados, a partir do seu valor diminutivo.

Lisboa, 1953.

DELMIRA MACAS